

CAVALARIA E IGREJA NO OCIDENTE MEDIEVAL DO SÉCULO XIII: UMA ANÁLISE DA DEMANDA DO SANTO GRAAL

NEILA MATIAS DE SOUZA*

Introdução

A *Demanda do Santo Graal* faz parte da ficção literária em torno da figura lendária e mítica de Rei Artur. Nela são retratadas as aventuras dos 150 cavaleiros da Távola Redonda, que partem em busca do Santo Graal, espécie de cálice sagrado em que se acreditava conter o sangue de Cristo, recolhido por José de Arimatéia quando de sua crucificação. Nessa árdua tarefa, todos os cavaleiros de Artur partem para provarem as “aventuras do Reino de Logres”, mas muitos ficarão pelo caminho, pois estão preenchidos somente pelos pecados da carne, o desejo de vingança, a crueldade. Somente um não fraqueja, não erra, não cai em pecado, é ele: Galaaz. Compondo uma cavalaria que já havia se estruturado enquanto ordem, esse cavaleiro representa o ideal a ser seguido. No entanto, a cavalaria passou por um longo caminho de desenvolvimento.

Nas famosas batalhas ocorridas na Idade Média Central, o “chefe” dos combatentes era o rei, que por sua própria presença impunha respeito, prestígio, segurança e confiança aos seus combatentes; sua figura era de suma importância no comando das hostes e no prosseguimento das batalhas, demonstrando, assim, seu valor e sua honra, mesmo que arriscando sua cabeça real, o que suscitava ainda mais admiração pelos seus guerreiros. Com isso, no campo de batalha todos esses homens provam sua força e seu valor diante daquele que mais interessava, pois, ao final, dependendo do resultado e do desempenho de cada um, as possibilidades de conseguir os favores do rei tornavam-se bem palpáveis e o cavaleiro alcançaria, então, não só fama, mas também terras, senhorio e, quem sabe, um bom casamento.

Há uma clara afinidade entre o clero e a aristocracia, entre o poder temporal e o eclesiástico, relacionado à intermediação com Deus. Ligada a essa questão, está a perspectiva da existência de duas milícias: a do século e a do clero, uma milícia que combate pelas armas e outra pelas palavras e orações. Justamente por combater com a fé, garantindo, assim, o perdão dos pecados e a intercessão com o divino, que os homens da Igreja reivindicam para si a isenção de impostos. Segundo Jean Flori, essa oposição entre duas milícias, uma marcada pelo serviço armado e violento e a outra pelo serviço desarmado e pacífico, transformou-se

* Mestre em História Social pela UFF e professora de História Medieval UEMA

“em oposição entre duas categorias de homens, duas “ordens”: a dos clérigos (*clerici*) e a dos leigos (*laici*)”.

Na *Demanda do Santo Graal* há uma grande proximidade entre os homens religiosos e os cavaleiros. Os eremitas, que embora na maior parte da obra sejam identificados assim, em alguns momentos são designados também como bispos, andam lado a lado com os cavaleiros, especialmente com aqueles que seguem os caminhos cristãos de compaixão, justiça, caridade, fé. Impedidos de lutar com as armas mundanas, o fazem através da palavra. São os eremitas que aconselham os cavaleiros, advertem-nos dos perigos, explicam-lhes os significados dos sonhos. Os eremitas orientam os guerreiros para que sejam verdadeiros *miles Christi*; se esses homens de Deus não podem defender combatendo com a espada, o fazem pelas orações, aplicando as penitências necessárias para o perdão, orientando os pecadores a jejuarem, se confessarem e, principalmente, se arrependerem para alcançarem a salvação. E os cavaleiros, quando não podem mais lutar com as armas do século, retiram-se do mundo e entram na luta pelas armas da fé tornando-se eremitas. Assim, após anos servindo pelas armas do século¹, os cavaleiros despiam a couraça e vestiam-se com os mantos dos pobres homens das florestas. Despiam-se do mundo e vestiam-se de “santos”. “A “ordem laica”, por outro lado, tem armas verdadeiras e uma disciplina menos evidente. Tal como o emprega o renascimento carolíngio, o tema das duas milícias corrobora o papel das armas como símbolo de estatuto de uma elite única e também a sua legitimidade” (FLORI, 2005: 125-126).

O fato é que essa sociedade, nos termos que nos interessa aqui, dividia-se entre aqueles que portavam armas e os incapazes de lutar, os *inermes*. Desse modo, apenas alguns tinham o poder pela força e usavam-na segundo seus interesses causando males e destruição ao restante da população. Mas como faziam parte de uma comunidade religiosa, e por isso, irmãos em Cristo, “precisavam também não derramar o sangue de um igual”. Deste modo, desde o ano 600 há o estabelecimento claro de um sistema de penitências e de expiações na tentativa de moralizar a sociedade cristã. As faltas cometidas são classificadas pelo grau de gravidade, assim estabelecem-se os resgates necessários para a absolvição. Desse modo, a

¹ A expectativa de vida de um guerreiro ativo em batalhas era de aproximadamente quarenta anos. Após essa idade, eles não tinham mais condições de lutar em empreitadas tão arriscadas; assim, sem outra expectativa, passavam a lutar pela fé.

Igreja tenta intervir de alguma maneira para civilizar os modos, ainda que isso seja prejudicado, visto que tudo poderia ser absolvido com um preço certo.

[...] De repente, a suspeita surge de que o cristianismo medieval prega o Evangelho a tempo, mais do que a contratempo, de forma que ele tenderia a moldar sua moral sob os modos dos guerreiros nobres (sobre as demandas racionais necessárias a seus interesses de classe) mais do que com a intenção de mudar esses modos (FLORI, 2005: 130).

Percebemos que as reformas da Igreja, que serão reiteradas com os movimentos da Paz de Deus e Trégua de Deus, já vinham sendo elaboradas desde pelo menos o século VII. De certa forma, essas ações evidenciam quão pouco eficazes eram essas intervenções religiosas, mas ainda assim necessárias. Todas estas atitudes de violência desencadeadas por famílias em disputas ou por conflitos de interesses entre vizinhos, uma verdadeira violência de classe, geravam o medo, principalmente entre os que não podiam portar armas; estes homens viam-se cada vez mais envolvidos num processo em que a sua viabilidade de sobrevivência seria colocar-se sob a tutela de outro homem.

Cavalaria e Pecado

A DSG aparece como uma espécie de instrumento de difusão de um modelo ideal de cavalaria através das ações imputadas aos seus personagens, positivando os comportamentos a serem seguidos e negativando aqueles a serem evitados. Há, portanto, uma concepção de cavalaria expressa na *Demanda*, concepção essa ligada aos valores cristãos representados principalmente pelas virtudes cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança) e teológicas (fé, esperança e caridade).

Todos os comportamentos destoantes, contrários a essas virtudes configuravam a concepção de um mau cavaleiro, exemplo a ser evitado, razão dos distúrbios e desordens na sociedade. Isso pode ser observado na fonte através das ações de alguns cavaleiros e de seu paradigma modelar, Galvão. Esse personagem encarna em si todos os vícios, pecados e maldades condenados pela ética cavaleiresca e por uma tentativa de enquadramento cristão da cavalaria. Ele é um anti-herói, uma espécie de erva daninha no seio de uma corporação que se pretendia homogeneamente unificada pelos sentimentos de pertença simbolizados pela Távola Redonda, onde todos são iguais e merecedores da graça do rei. De fato, essa concepção de

uma corte perfeita era apenas um ideal longe de constituir-se enquanto realidade . As cortes eram lugares para onde se dirigiam muitos cavaleiros em busca de uma melhor condição de vida: vincular-se a um grande rei e servi-lo poderia significar uma possibilidade de ascendência social, de garantia de um bom casamento e de um rico patrimônio fundiário. Para isso, a conduta de muitos cavaleiros ignorava as “regras do código”, e era à sua revelia que buscavam atingir seus objetivos, garantir sua sobrevivência, sua continuação social; daí tanta intriga, tanta inveja. A *invidia*, ou inveja, era o principal pecado dos cavaleiros apresentados na fonte, a maioria deles sofria desse mal, que estava vinculado principalmente àqueles que pereceram na busca do Graal.

Consideremos a construção, na DSG, do anti-exemplo de cavaleiro, uma sua espécie de imagem em negativo, cujas características apresentadas podem ser condensadas em um único cavaleiro e que constitui o paradigma do modelo condenado pela Igreja de cavaleiro. Ele faz parte de um tipo humano incapaz de resistir aos prazeres mundanos e preocupado somente com sua glória pessoal, por isso não fazia parte dos cavaleiros divinos, dos espiritualizados, e suas características são sempre negativas. Seu principal representante era Galvão.

Galvão fazia parte da linhagem do rei Artur, linhagem nobre e que, justamente por essa condição denotava uma espécie de superioridade, de qualitativo pessoal. A linhagem fundamentava a vida e a organização do reino mítico, através dela estabeleciam-se hierarquias e por ela os principais homens das redondezas e mesmo de lugares muito distantes desejavam que seus filhos servissem a um grande senhor, importante e poderoso. Assim, “os *juvenes* saídos da classe dominante integraram-se muitas vezes na domesticidade guerreira dos senhores de maior fortuna, de monarcas até, na esperança de virem um dia a ser instalados em senhorias próprias, e para isso freqüentemente atravessaram grandes distâncias”.

Embora seja reconhecido que a nobreza se assente no nascimento, ela nunca foi uma classe hermeticamente fechada. “A nobreza não tem nenhuma política familiar. Padece com as revoltas que acabam mal e perde muitos homens nas guerras privadas e nas vinganças. Dessa forma, aparecem vazios em suas fileiras” (FLORI, 2005: 282). Para sobreviver diante de tantas mudanças que se impunham no mundo da qual fazia parte, sua renovação – ainda

que comedida – tornava-se realmente necessária. Os cavaleiros que tão próximos viviam dos poderosos, pois eram seus braços armados, acumulavam, entre tantos privilégios, a isenção de impostos. Foi assim que, servindo de mãos armadas à aristocracia, esses cavaleiros se fundem a ela, conjugando costumes e mentalidades e obtendo também uma condição socioeconômica elevada, fato que foi propiciado por vantajosas alianças matrimoniais. “A cavalaria ornamenta-se assim com um tal esplendor que se subtrai das *consuetudines* comuns julgadas *indecentes et contra ordinem militarem*, derrubando desta forma uma das barreiras que impedem o acesso à nobreza. Ela concede mais brilho que o sangue” (FLORI, 2005:284). É com o prestígio cada vez maior que essa instituição vem ganhando que ela consegue confundir-se com a nobreza, no quadro geral da aristocracia.

Nosso modelo, Galvão², exemplo de mau cavaleiro, nasceu na nobreza, pois descendia de grandes reis. Seu avô teria sido um poderoso monarca, Uter Pendragom, um herói que conseguiu livrar seu reino do temível dragão que aterrozava a todos³. Artur, seu sucessor, também teve que provar seu valor através da prova da espada, *excalibur*. A trajetória de nosso anti-herói principia também com uma prova semelhante. Desse modo, Galvão teria a chance de demonstrar seu valor por um teste que remetia à prova de sua parentela, de sua linhagem, uma espécie de rito comprobatório do próprio sangue. Contudo, ao passar por duas aventuras de espada, ambas revelam apenas seus defeitos e fracassos. Assim, como modelo de um mau cavaleiro, que é claramente divulgado na obra, nada do que ele possa fazer será revertido em bondade, todas as suas ações pesam para a perversidade, que será anunciada pela espada que jorra sangue.

Era fato que havia, nas cortes régias e senhoriais, nas quais orbitavam vários cavaleiros que serviam como braços armados, aqueles considerados como favoritos pelos reis ou senhores. Ora, essa condição de privilégio, num meio tão marcado pela ostentação, valorização de si e cultivo de vaidades, gerava, sem dúvida alguma, um vício capital, condenado pela moralidade cristã: a inveja. É desse mal que sofre Galvão, o sobrinho querido do rei Artur. Em outras narrativas da Matéria da Bretanha, ele aparecia representado com o cognome de “Cavaleiro das Donzelas” mas, na *Demanda*, ele recebe o epíteto de “Cavaleiro do Diabo”.

Logo no início da narrativa, percebemos a ausência, em sua personalidade, de uma qualidade muito prezada pelo cristianismo: a humildade. Isso é observado na aventura da primeira espada, a “espada da pedra”, que só poderia ser terminada pelo cavaleiro escolhido: “[...]. Então aproximou-se Galvão e pegou a espada pelo punho e puxou-a o mais que pôde, mas nunca tanto que a pudesse sacar da pedra” (DSG, 2008: 26). Uma das coisas mais humilhantes para um cavaleiro era não dar fim a algo que começou, não realizar bem algo a que se

² Galvão, dependendo da fonte, é também conhecido por “Galvam”, “Gawaine”. “Green Knight”. Ele será tratado aqui por Galvão.

³ A recorrência de um herói que deveria cumprir provas e provar seu valor era comum nos textos antigos, como exemplificado pela conhecida figura de Hércules.

propôs. A DSG está recheada de fatos assim, quando, por exemplo, Persival pede a Galaaz que o deixe levar uma donzela em segurança, pois já o tinha prometido a ela; quando o próprio Galvão reconhece que seria muito feio voltar ao reino de Logres sem ter terminado uma aventura. Esse cavaleiro sofre ainda de outro mal, que também é compartilhado por vários outros cavaleiros pecadores na Demanda, pois só acredita no que vê. Após a aparição do Graal e de recebidas as suas graças, Galvão constata: “Mas como fomos enganados que o não vimos senão coberto” (DSG, 2008:39). É diante dessa postura, de procurar uma verdade passível aos olhos que ele é o primeiro a jurar a demanda e fazer com isso, que todos os outros cavaleiros o sigam e deixem Artur solitário em sua corte e vulnerável aos ataques de inimigos.

No entanto, ele passa por uma aventura maravilhosa a que consegue dar fim. Mas essa era uma má aventura, uma aventura que designava uma conduta ruim, pois através dela será sabido que um cavaleiro derramará o sangue de muitos inocentes durante a busca do Graal. Antes de partirem, chega à casa de Artur uma donzela, “a donzela feia”, que anuncia os grandes horrores que serão causados pelo cavaleiro que, ao tirar a espada que ela traz da bainha, fizer jorrar sangue tão “quente” e “vivo”. Essa aventura provada implicava, para o envolvido, que não poderia jamais ir à demanda do santo graal, pois de suas mãos viria grande mal aos cavaleiros e à corte de Artur.

Sabede que esta spada, que ora veedes tam fremosa e tam limpa, será tôda tinta de sangue caente e vermelho, tanto que a tener na mão aquel que fará a maravilha de matar cavaleiros em esta demanda mais que outrem. Esta spada trouxe eu aqui polo conhocertes e pólo fazerdes aqui ficar, ca, sem falha, se êle i vai, tanto de mal e de pesar averrá ende e tanta mortura de homeês boôs. (DSG, 1955:35-37).

A participação de Galvão é, portanto, vaticinada como catastrófica, dela decorrerão muitas desgraças, mas ainda assim ele não desiste de entrar na demanda. Ele realmente mata muitos de seus companheiros e, na maioria dos casos, é por deslealdade. Galvão constitui-se, então, como um mau cavaleiro, distante dos propósitos divinos, ligado intrinsecamente ao mundo terreno e aos valores que são prezados por ele. “De modo geral, o comportamento dos cavaleiros os revela mais inclinados a atender desvios do padrão religioso do que a cumprir os deveres por ele impostos” (MEGALE, 1992:67). É sabendo disso que seu tio o proíbe de participar da busca pelo santo vaso, mas Galvão recorre a algo incontestável, a ética cavaleiresca: “parece-me que não cuidais da minha honra, mas do meu mal e da minha vergonha, porque, se eu não for, sou perjuro e desleal e então ninguém me deveria considerar como cavaleiro” (DSG, 2008:43). É interessante na narrativa que o ideal de bom cavaleiro proposto deveria conjugar não só os valores cristãos como também a honra cavaleiresca; não era suficiente ser bom no manejo das armas, era necessário principalmente agir como um bom cristão, cultivando virtudes e praticando boas ações.

Mesmo diante da proibição e dos males que serão cometidos por ele, Galvão parte na demanda e confirma toda sua miserabilidade, cometendo crimes que ferem as normas cavaleirescas e a união dos companheiros da mesa, isto é, a lealdade que todo cavaleiro devia um ao outro. Segundo Rodrigues Lapa, ele “é agora aqui um personagem estranho, sobre o qual pesa uma fatalidade imensamente trágica” (LAPA, 1973:248-

249). Galvão mente, é traidor, mata seus companheiros, mesmo quando os reconhece; é covarde, pois abandona seu amigo no perigo por medo de morte. Ele fere todos os preceitos da boa cavalaria; por sua espada que muitos homens bons – ótimos cavaleiros, reis – serão mortos.

Galvão, em vários momentos da narrativa, é agraciado com alternativas para mudar sua trajetória, por meio de conselhos, de sonhos, da palavra de um ermitão. Mas, embebido no pecado tão presente no mundo medieval, todas as suas ações só intensificam seu caráter concupiscente. A comunidade, cortês, à qual pertence e, principalmente, o meio cavaleiresco é antes de tudo uma comunidade de pecadores: há os que continuam pecando e não se arrependem; os que pecam, arrependem-se e tentam expiar seus pecados; e há os que nunca pecam, e que ademais o evitam por meio das penitências.

A vida social parece-lhe dirigida, em todos os níveis e em todos os seus mecanismos, por esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseada: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transforma-se em avarizia, a corrente de subordinações alimenta a inveja. (CASAGRANDE; VECCHIO, 2006:337-351).

De fato, na sociedade cristã medieval, e em especial na avaliação dos homens da Igreja, o pecado era onipresente. A nobreza, da qual a cavalaria passou a fazer parte em finais do século XII, era um grupo gerado e reproduzido no orgulho e no desejo de afirmação individual e da obtenção dos favores do senhor. É nesse meio cheio de vícios que o homem vive, que o cavaleiro deve mostrar-se não só bom no manejo das armas e no cumprimento do código cavaleiresco, mas também capaz, segundo a ótica daquela instituição, de resistir às tentações e aos desvios de sua salvação. O guerreiro deve, portanto, lutar contra o pecado, pois aquele que não consegue combater o mal, não pode ser considerado um bom cavaleiro segundo os moldes da Igreja, segundo o que propaga.

Num meio tão privilegiado para o desenvolvimento do pecado, como eram a cavalaria como instituição e as cortes reais, onde os cavaleiros se dirigiam para atingir fama, poder e prestígio social, a necessidade de um discurso normatizador e limitador não só da violência, mas do próprio comportamento do homem, como cristão, era uma questão presente e uma tarefa a ser realizada pela Igreja.

A nova atenção com que os homens da Igreja consideram os comportamentos sociais insere-se num contexto de um discurso ético que, a despeito da contínua insistência sobre a interioridade e a escolha individual, se molda cada vez mais pelo exercício da autoridade, dotado como os órgãos da justiça secular, de códigos próprios de justiça e de mecanismos de punição. (CASAGRANDE; VECCHIO, 2006:346-347).

E um desses mecanismos de punição e de remissão dos pecados oferecido aos cristãos eram as confissões, o jejum, as orações constantes, maceração do corpo, que é o grande corruptor da alma. Mas entre tantos cavaleiros pecadores, poucos são os que se arrependem, a maioria compõe o modelo de mau cavaleiro com maior ou menor grau de características.

Cavalaria e Santidade

A cavalaria podia ser uma forma de servir a Deus, desde que guiada pelos princípios cristãos, pelo ideal de “guerra justa”; já que o uso das armas era inevitável para garantir a proteção, ele devia ser feito com certo controle, não extrapolando em violência gratuita, usando as armas somente para a própria defesa e dos que não eram capazes de fazê-lo, protegendo os cristãos. Isso era uma “guerra justa”, pois “ofício de cavaleiro é manter viúvas, órfãos, homens despossuídos; porque assim como é costume e razão que os maiores ajudem a defender os menores, e os menores achem refúgio nos maiores, assim, é costume da Ordem de Cavalaria” (LLULL, 2000:37). Entretanto, quando os cavaleiros usavam de seu poderio militar, do temor que causavam a população para fazer o mal, ou seja, destruir plantações, fazer pilhagens, saques, destruir igrejas, aterrorizar os indefesos, eles praticavam uma “guerra injusta”, porque sem chance de defesa e com propósitos ignóbeis, visando somente interesses pessoais, e transformavam-se em maus cristãos.

Logo, se isto é assim, e os cavaleiros que agora existem, usam do ofício de Cavalaria sendo injuriosos e guerreiros e amadores do mal e de trabalhos, pergunto qual coisa eram os primeiros cavaleiros, que se concordavam com justiça e com paz, pacificando os homens pela justiça e pela força das armas? Pois, assim como nos tempos primeiros, é agora ofício de cavaleiro pacificar os homens pela força das armas; e se os cavaleiros guerreiros, injuriosos, que existem nestes tempos em que estamos, não estão na Ordem de Cavalaria nem possuem ofício de cavaleiro, onde está Cavalaria, e quais e quantos são aqueles que estão em sua Ordem? (LLULL, 2000:49).

Com a inserção cada vez mais constante nos assuntos da cavalaria, a Igreja buscava inserir no mundo dos guerreiros os valores cristãos de paz, piedade, misericórdia e justiça. Sendo inviável acabar com a atividade militar, mesmo porque ela era necessária para a reprodução social e econômica daquela sociedade, os clérigos pretendiam através dos seus poderes de mediadores entre o homem e Deus controlar, regular o comportamento humano. Os cristãos desejosos de salvação e de atingir a glória do Paraíso tinham como alternativa seguir os caminhos indicados por aquela que representava Deus na Terra. Bom, isso todos sabiam, mas como humanos, falíveis, e impregnados dos sabores mundanos, muitos não cumpriam com seu verdadeiro dever de cristão e cometiam os pecados mais repudiados pela religião: o derramamento de sangue e os prazeres da carne, a luxúria. E esses dois pecados eram territórios intimamente conhecidos pelos cavaleiros. A atividade guerreira fazia parte da

própria identidade desses homens e juntamente com ela, como uma compensação, ainda que fortuita, parcial, limitada, a possibilidade do prazer terreno. Portanto, o discurso da Igreja estava direcionado principalmente para esses homens, que viviam dos prazeres mundanos danosos à sociedade.

A Demanda do Santo Graal é uma obra repleta do universo cavaleiresco que através do toque religioso cristão poderia alcançar o objetivo da Igreja de divulgação da paz e da justiça encarnada pelo bom cavaleiro Galaaz. Ele é o principal elemento de veiculação desse ideal através de suas ações e de sua conduta exemplar. Ele é o modelo do bom cavaleiro.

A linhagem era um fator determinante do que poderia ser um homem na Idade Média. A linhagem conferia distinção, honra, confiança de caráter, reafirmação de um pai valoroso num filho que o renovaria. De tal modo, Galaaz tornou-se cavaleiro pelas mãos de seu pai; não poderia ser de outro, pois Lancelot era “o melhor do mundo”⁴ e o mais honrado de cavalaria. Ele era um

Modelo ideal de comportamento, admirado e imitado por quantos amavam a boa cavalaria, para ele dirigiam-se aqueles que almejavam, desde o momento de adubação, uma vida cavaleiresca cercada de glória. Por isso, dele, só dele, deveria partir o ato que introduziria, no seio da cavalaria, aquele a quem estava destinada a maior das honras terrenas: o seu filho, Galaaz. (PEREIRA, 1996:86).

Galaaz possuía uma origem muito nobre, pois descendia por linha materna dos reis de Corberic – investidos da sagrada função de guardiões do Graal. Do lado paterno provinha da linhagem do Rei Bam, bastante temida e admirada por todos que prezavam a boa cavalaria. Seu pai, Lancelot do Lago⁵, era o mais ilustre representante dessa estirpe de valorosos guerreiros. É dele que Galaaz herdará não somente a destreza das armas e os feitos cavaleirescos, como também o título de “o melhor cavaleiro do mundo”. Aliás, consegue ir mais longe que seu pai, pois é reconhecido como o “melhor dos melhores”. Dada a sua linhagem terrena, como “santa cousa e santa creatura”⁶ que era, possuía também uma ascendência de grande valor espiritual: “[...] o cavaleiro desejado, aquele que vem do alto linhagem del-rei David e de Joseph Daramatia, per que as maravilhas desta terra e das outras haverám cima” (DSG, 1955:19).

⁴ Lancelot é conhecido em toda a narrativa por ser “o melhor cavaleiro do mundo”, todos os seus companheiros o reconhecem por essa qualidade.

⁵ Por escritos anteriores Lancelot também é conhecido como Lancelot do Lago.

⁶ Durante toda a narrativa Galaaz é visto por todos, principalmente pelos eremitas, como uma criatura santa.

Como ideal de bom cavaleiro, Galaaz compartilhava de uma linhagem santa, de homens muito bons, que foram exemplos de verdadeiros cristãos. Essa necessidade de justificar uma ascendência valorosa sempre foi muito presente nas hagiografias, que para melhor divulgarem um santo e propagarem seu culto vinculavam seu parentesco com uma linhagem nobre. No entanto, mesmo descendendo de tão alta estirpe, o cavaleiro esperado carregava uma grande mácula. Ele era fruto de uma relação sacrílega entre Lancelot e a filha do Rei Peles. Não fosse isso suficiente, os seus pais não se casaram e ele se tornou, portanto, um bastardo. Mas, ainda assim era merecedor da graça divina.

A bastardia era muito freqüente na Idade Média, as violências cometidas pelos senhores locais, inclusive por reis, às donzelas resultavam em filhos que provavelmente descobriam sua origem e iniciavam novas guerras para receber o patrimônio ou ser reconhecido como filho. Filho legítimo era somente aquele nascido no casamento, no sacramento sob o aval da Igreja e da comunidade cristã. “Desde os séculos IV e V, teólogos, sínodos e concílios preocuparam-se em fixar a doutrina cristã do matrimônio, e particularmente em determinar suas condições de validade” (GUERREAU-JALABERT, 2006:321-336). O casamento cristão caracterizava-se por ser monogâmico e indissolúvel. Aliado a isso com o controle progressivo da Igreja sobre o comportamento social, foi proibido o casamento em consangüinidade até o 7º grau canônico; com a idéia de parentesco batismal foi proibido o casamento entre padrinhos e afilhados, entre compadres. Devido à complexidade dessas regras canônicas, com o concílio de Latrão IV (1215), a proibição do casamento consangüíneo foi até o 4º grau e sem mais envolver as parentelas espirituais. Toda essa proibição evidenciava “um fortalecimento progressivo do controle da Igreja sobre a aliança, em uma evolução que se insere ao mesmo tempo nas concepções do mundo próprias ao cristianismo e no desenvolvimento conexo dos fundamentos e do papel do parentesco em uma sociedade totalmente cristã” (GUERREAU-JALABERT, 2006:326).

Somado a todas as qualidades que o cavaleiro deveria possuir enquanto alguém “nobre”, ou seja, digno de admiração, respeitável, reputado, ser generoso também era ter uma atitude nobre principalmente para com a Igreja que recrutava dessa classe, de nível social elevado, até mesmo seus próprios santos. Ou seja, nobreza (conseqüentemente cavalaria) e santidade estavam intimamente ligadas.

Al presentear la vida religiosa, ante todo, como um combate incessante contra el “antiguo enemigo”, la espiritualidad monástica encontró un amplio eco en el seno de una sociedad guerrera cuya ética profana (lo que los autores germánicos llaman Ritterliches Tugendsystem) privilegiaba los valores militares (VAUCHEZ, 1985:51).

A Igreja com toda sua estrutura hierárquica e organizacional própria compunha-se por um clero comumente dividido em clero secular e clero regular. Havia entre esses últimos aqueles que eram considerados verdadeiros “homens de Deus”, santos, geralmente religiosos reclusos em mosteiros ou eremitérios, que viviam de forma muito pobre e possuíam um grande poder de intercessão junto ao Criador. Muitos desses homens eram oriundos de famílias humildes, no entanto a santidade sempre esteve muito associada às elites. Um homem santo geralmente possuía uma origem nobre e quando isso não ocorria os hagiógrafos procuravam de alguma forma encontrar em seus antepassados algo que legitimasse um nascimento glorioso.

A crença, que então se afirmou, de que um santo só pode ser nobre de que um nobre tem mais possibilidades de vir a ser santo do que qualquer outro homem, não era, pelo menos no início, uma superestrutura ideológica imposta pelas classes dominantes ou pela Igreja; tinha raízes na convicção, comum ao cristianismo da Antiguidade tardia e ao paganismo germânico e partilhada tanto pelas classes dominantes como pelas classes dominadas, de que a perfeição moral e espiritual dificilmente se podia desenvolver fora de uma linhagem ilustre (VAUCHEZ, 1989:215).

Nosso modelo de bom cavaleiro confirma essa descendência ilustre, o que só contribui para confirmar sua eleição e sua exemplaridade como o “melhor cavaleiro do mundo”. Sua chegada à corte arturiana evidencia seu caráter especial, sua singularidade em relação aos demais cavaleiros, pois acompanhado de um raio de sol, que significa luz, iluminação não só material como espiritual, Galaaz é confirmado como o cavaleiro que durante muito tempo teve sua espera aguardada e profetizada: “- Deus, beento sejas tu, que te prouve de tanto viver eu, que eu, em minha casa, visse aquêlo onde tôdolos profetas desta terra e das outras profetizaram, tanto gram tempo há já” (DSG, 1955:21). É possível já perceber as relações claras entre o cavaleiro esperado e Cristo. Assim como o filho de Deus, que teve sua vinda anunciada pelos profetas como o Messias que viria libertar o povo eleito, Galaaz também tem uma vinda predita e com um propósito: “dar cima às aventuras do reino de Logres”⁷. Suas primeiras palavras ao entrar no paço são “A Paz esteja convosco”.

A santidade sempre esteve ligada desde o início do cristianismo aos mártires que buscavam imitar a vida de Cristo, sofrendo privações, sacrificando-se em prol de uma vida fundamentada nos valores propagados pelo Filho de Deus.

De fato, mais em profundidade, é a própria natureza da santidade que se modifica: deixa de ser fruto de contemplação do mistério infinito de um Deus de fato diferente do homem e quase inacessível, para se tornar uma imitação de Cristo “imagem

⁷ Nas narrativas anteriores à Demanda Galaaz foi anunciado como cavaleiro que terminaria todas as aventuras do reino de Logres.

visível do Deus invisível” que é feita passo a passo para um dia, se ascender à eternidade bendita (VAUCHEZ, 1989:218).

O bom cavaleiro diferenciava-se dos demais, suas semelhanças com Cristo, sua bondade de coração faziam-no um modelo ideal de propagação dos objetivos da Igreja, consciente da necessidade de inculcar nos cavaleiros uma moral cristã de defesa da sociedade, de uma fraternidade espiritual sedenta de paz. As operações guerreiras causavam estragos terríveis aos habitantes e a terra. Para evitar o confronto direto, que causava muitas mortes, partia-se para outros meios de conquistar a vitória: através de bloqueios econômicos (provocando a fome, destruindo as colheitas) e causando o terror nessas populações por meio de incêndios, massacres. Esses fatos são comumente observados em crônicas, anais, que relatavam a invasão e destruição da terra em determinado ano por um príncipe ou senhor. Visando diminuir essas ocorrências e garantir uma relativa tranquilidade à população que a Igreja, detentora do poder fundamental de mediação do homem com Deus, buscava limitar essas práticas guerreiras selvagens.

A vida cavaleiresca estava impregnada pelo pecado, manchada de sangue, revestida pelos prazeres mundanos; todavia, o homem para garantir sua salvação devia resistir às tentações, evitar os vícios tão comuns no mundo da nobreza, orgulhosa de seu nome e de sua linhagem. Segundo Ramon Llull, “faltou caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo, começou inimizade, deslealdade, injúria, falsidade; e por isso surgiu erro e turvamento no povo de Deus, que foi criado para que Deus fosse amado, conhecido, honrado, servido e temido pelo homem” (LLULL, 2000:13). Diante de tamanha desobediência para com o Criador, o homem precisava retornar aos princípios cristãos, passar por provações sem cair em pecado e redimir suas faltas. Essa necessidade fazia-se particularmente presente no meio guerreiro, por causa das tentações a que estavam sujeitos, não só o pecado contra Deus por não obedecer a suas leis ou não fazer as penitências, a confissão, o jejum, mas principalmente porque sempre caíam no pecado da carne. O bom cavaleiro que foi escolhido como servente de Deus, vai se afastando cada vez mais dos outros cavaleiros e adquirindo uma crescente áurea espiritual e santa.

O filho de Lancelot permanecia muito mais próximo de uma natureza santa que de qualquer outra coisa, ele parecia realmente não fazer parte de um mundo terreno, sua vida foi toda dedicada à busca religiosa de Deus. Essa vinculação do cavaleiro com a santidade estava muito ligada com a idéia de Cruzada. O cavaleiro bom, ideal era aquele imbuído da espiritualidade cristã e disposto a enfrentar o mau pagão para defender a Cristandade, pois “ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica (...) e que por força das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja” (LLULL, 2000:23).

Galaaz incorporava bem esse espírito de “cavaleiro de Cristo”, todas as suas ações conjugavam-se nesse sentido. Ele passou a maior parte da Demanda em companhia dos “homens bons”, os ermitãos, estava sempre jejuando e confessando-se para salvar sua alma. “La santidad pertenece al dominio de lo extraordinario, permaneciendo sólo accesible al precio de duros esfuerzos: quien ayuna varias semanas seguidas, pasa sus noches en oración y realiza curaciones milagrosas”(VAUCHEZ, 1985:53). E, nos feitos de cavalaria, destacava-

se entre todos, conquistando combates que pareciam impossíveis de serem vencidos. Galaaz compreendia uma cavalaria mística, aproximando-se cada vez mais de um modelo cristocêntrico.

La idea de que Dios continuaba revelándose a los hombres mediante los prodígios estaba presente en todos los espíritus. Por esta razón los cristianos de la Edad Media se encontraban continuamente a la búsqueda de milagros y dispuestos a admitirlos en cualquier fenómeno extraordinario. Quienes eran capaces de realizarlos eran considerados como santos (VAUCHEZ, 1985:122).

Mesmo sendo instrumento para os milagres divinos, Galaaz manteve-se humilde: não desejou que fossem conhecidas as curas que realizou; deitou-se em terra firme, recusando os bons leitões que lhe eram oferecidos. E permaneceu humilde quando conheceu o desprezo:

Muito falarom uñs e os outros de Galaaz, mas nom em as honra. E êle sofreu todo mui bem, como aquel que era mais sofrido e mais mesurado ca nem uñ cavaleiro que homem soubesse; (...) e sofre[u]-se aquela noite tom bem que nom respondeu a rem que lhi dissessem (DSG, 1970:267, grifos meus).

A humildade constituía-se como uma das principais virtudes que o cavaleiro deveria possuir, pois assim como Cristo foi humilde, quando esteve na Terra, todos os homens deveriam sê-lo. O modelo de bom cavaleiro exercitava plenamente essa virtude, destacava-se em relação aos outros que viviam do orgulho: seja de sua linhagem ou da sua condição de cavaleiro ou de seu parentesco com o rei; todos os cavaleiros orgulhosos e que praticavam os outros pecados capitais não conseguiram terminar bem suas aventuras e sucumbiram no mundo. Os cavaleiros, portanto deviam conservar as virtudes e evitar os vícios; os que assim faziam eram bons e obteriam o Paraíso.

Considerações Finais

A cavalaria era caracterizada por sua atividade guerreira, e conseqüentemente, pela violência intrínseca a ela. É contra o livro curso dessa violência, crescente na sociedade feudal dos séculos XI e XII, que a Igreja, ao longo de várias assembleias, elabora os conceitos de *Pax Dei* e *Tregua Dei*. O cavaleiro deveria ser *pacíficus*, ou seja, evitar a violência inútil e despir-se de todo ódio e do espírito de vingança.

A Paz de Deus era a proibição de violência contra determinados locais (santuários, hospícios, estradas) e contra as pessoas que não podiam se defender porque não portavam armas (*inermes*): religiosos, mulheres desacompanhadas, camponeses. Já a Trégua de Deus proibia o uso das armas em determinados dias da semana: impedia-se de combater entre a noite de quinta-feira e a manhã de segunda. “Assim, embora sem proibir *tout court* a guerra (o que seria impensável numa sociedade em que se verificava uma supremacia de guerreiros), limitava-se a guerra o mais possível, submetendo-se às exigências de recuperação da vida social e econômica e da reforma da Igreja”. (CARDINI, 2006:59).

Essas assembleias tornam-se cada vez mais freqüentes, evidenciando que as interdições não eram respeitadas e que os cavaleiros continuavam abusando de seu poder de

armas. Esses cavaleiros que continuavam agindo contra a cristandade, contra seus próprios irmãos indefesos, é que eram considerados pelo discurso clerical maus cavaleiros, e é diretamente a eles que o discurso eclesiástico moralizante é dirigido, no intuito de moldá-los, enquadrá-los e garantir a harmonia de todo o corpo social. É assim que o modelo de “mau cavaleiro” é negativizado, combatido para ser evitado e o modelo de “bom cavaleiro” é positivado, um exemplo a ser seguido.

Assim, todos os cavaleiros que compõem o perfil de mau cavaleiro terminam por não alcançar as graças divinas, por isso são condenados e por isso são retratados, para que todos saibam que agir mal, contra os desprotegidos, e não se comportar como bons cristãos só acarretará dor e sofrimento, impedindo-os de alcançar a salvação. Esse tipo de cavaleiro em nada contribuía para a manutenção e reprodução da ordem social, pois desequilibrava seu funcionamento, atentava contra a estabilidade.

Porque era bom, virgem, misericordioso, humilde, temente a Deus, Galaaz formou o melhor exemplo de um modelo perfeito de cavaleiro cristão. Constituiu-se, portanto, como um ótimo modelo do programa civilizador da Igreja para o cavaleiro, buscando aproximá-lo cada vez mais dos valores cristãos. Ele representava, deste modo, um exemplo modelar para a sociedade.

Referências Bibliográficas

- A Demanda do Santo Graal*. (ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970).
- A Demanda do Santo Graal*. (org. Heitor Megale). Rio de Janeiro: Cia. de Bolso, 2008.
- LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Llúlio”, 2000.
- BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: da Germânia Antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- BERLLIOZ, Jacques. *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994.
- BERNARDO, João. *Poder e Dinheiro: do poder pessoal ao estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV. (Parte II: Diacronia – conflitos sociais do século V ao século XIV*. Porto: Edições Afrontamento, 1997, p. 132.
- BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CARDINI, Franco. “O Guerreiro e o Cavaleiro”. In: LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- CARDINI, Franco. “Guerra e Cruzada”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.

- CASAGRANDE, Carla e VECCHIO, Silvana. “Pecado”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2006, v.I I.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.
- GAUVARD, Claude. “Violência”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.
- GÉNICOT, Léopold. “Nobreza”. In: GUENÉE, Bernard. “Corte”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSC, 2006, v. I,
- GUERREAU-JALABERT, Anita. “Parentesco”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- IOGNA-PRAT, Dominique. “Ordem (ns)”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v.I.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Ed., 1973.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Para Um Novo Conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa 1993.
- MEGALE, Heitor. *O Jogo dos Anteparos. A Demanda do Santo Graal: A Estrutura Ideológica e a Construção da Narrativa*. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1992.
- MICCOLI, Giovanni. “Os Monges”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- PEREIRA, Rita de Cássia. *O Herói e o Soberano — Modelo Heróico e Representações da Soberania na Demanda do Santo Graal*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- SOUZA, Neila M. de. “A Demanda do Santo Graal e o Melhor dos Melhores Cavaleiros do Mundo”. In: ZIERER, Adriana (org.); SOUZA, Neila M. de e GOMES, Flávia S. (colabs.). *Uma Viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares*. São Luis: Editora UEMA, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- VAUCHEZ, André. *La Espiritualidad del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 1985.
- VAUCHEZ, André. “O Santo”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989.